



Dona Núbia e seu Brás cuidando do canteiro agroecológico

## As tecnologias sociais movendo a roda da vida no Semiárido

É pertinho de uma curva na CE- 358, que liga Tabuleiro do Norte/CE ao Apodi/RN, que moram dona Núbia Moreira Maia, seu Brás da Costa Maia e o casal de filhos, na comunidade Várzea Grande. Quem vê a propriedade cheia de tecnologias sociais como o biodigestor, o bioágua, a cisterna de água pra beber a agora a cisterna enxurrada, não imagina como foi a trajetória para essas conquistas.

Seu Brás nasceu na comunidade Lagoa do Peixe e sempre trabalhou com agricultura. Ele 1994, fez um empréstimo de 6 mil reais no banco e comprou cinco vaquinhas. Hoje tem umas trinta, vai comprando e vendendo, porque o terreno é pequeno. O lucro vem do leite e do queijo.

***“A água era muito difícil, tanto pra beber, pra plantar e criar animais. Quando eu vim pra cá, era tudo seco. Tudo o que vocês estão vendo de verde aqui fomos nós que plantamos.”*** Seu Brás

Quando ele e dona Núbia se casaram e compraram a casa na Várzea Grande, em 2013, tava tudo seco e abandonado. Conseguiram furar um poço e plantaram feijão, milho, sorgo e capim pro gado. Na época, começaram a receber o Bolsa Família. Depois chegou a cisterna de água pra beber. Dona Núbia se inscreveu e deu certo. *“Acreditei no programa porque já tinha visto outras famílias recebendo”,* disse ela.

Dona Núbia nasceu na Várzea Grande. Sempre foi agricultora. Quando morava com os pais, estudou até a quarta série, pois tinha que trabalhar. *“Meu sonho era terminar o ensino médio. Casei em 1993 e em 2000 voltei a estudar. Eu já tinha filhos e meu esposo ficava com eles pra eu ir estudar. Ele via a minha vontade e ia me deixar e buscar na escola. Eu conclui em 2006. Então eu ensinei ele a ler e escrever pra ele tirar a carteira de habilitação, que era o sonho dele... E ele conseguiu! Tudo a gente conseguia junto.”* diz emocionada.

Nessa viagem no tempo, seu Brás disse que *“depois da cisterna de beber, veio o biodigestor, em 2018. No começo, eu não acreditava. Foi o primeiro daqui da região. As famílias vieram fazer o curso aqui em casa. Tinha que encher em 40 dias pra dar gás. Arranjei esterco dos currais dos outros pra completar e não deu fogo porque o esterco não fermentou. Fiquei desanimado. Eu fiz de novo e antes dos 40 dias deu certo e nunca mais faltou. Tem gente que nem pedreiro era e hoje tá construindo o biodigestor. Eu ouvi falar da energia solar. Fiquei com vontade de colocar aqui, mas é muito caro”.*



Dona Núbia em frente ao seu biodigestor, fazendo café com o gás vindo do biodigestor, no minhocário e regando as plantas com a água do reuso

Dona Núbia relembra: *“Eu comecei a participar de reuniões quando a gente se mudou pra cá. Eu me associei na Associação Comunitária da Gangorrinha, e quando vi o projeto do biodigestor, eu quis logo. Ninguém quis, só eu coloquei meu nome. Eu gosto muito de cozinhar, mas era sofrido cozinhar todo dia à lenha. A partir dessa conquista, eu comecei a ir pra outras comunidades através de intercâmbios, participar de reuniões... E também recebi muitas visitas na minha casa por causa do biodigestor. Eu também sou tesoureira da cooperativa dos agricultores e ainda faço parte do conselho municipal de saúde, como usuária, representando minha comunidade”.*

### A vida girando

A vida, o trabalho e a produção de alimentos dançam ciranda no quintal do casal. Dona Núbia diz que *“depois que o Brás tira o leite, ele leva esterco para abastecer o biodigestor, que vai pro minhocário. E depois vai pras plantas. A água pro minhocário vem do bioágua, que é a água usada do chuveiro, das pias de lavar prato e do banheiro. Essa água depois de tratada vai pro capim que alimenta o gado e aí volta tudo de novo. Nossa produção é toda sem agrotóxicos. E com a cisterna de enxurrada, vamos aumentar a produção de acerola, coco, laranja, limão, goiaba, cajarana e talvez criar galinhas, pois vi lá no intercâmbio o pessoal criando. Vamos decidir no diagnóstico do Programa de Fomento”, disse ela.*

Pensando no futuro a partir dos intercâmbios, dona Núbia lembra: *“Eu vi um canteiro feito de cano e garrafa pet, que vou fazer aqui em casa. Eu saio muito pra reuniões e não precisa regar todo dia. Ele fica suspenso. Os preás não vão comer as plantas. E a coluna da gente agradece porque dá pra trabalhar em pé”.*

E pra quem tá começando, dona Núbia deixa um recado: *“Eu digo pra acreditar. Eu aprendi a valorizar meu trabalho, apresentar o que sei fazer. Aqui não tem agrotóxicos. Andando pelo mundo, vejo as experiências e trago pras nossas vidas. O tempo todo ensinando e aprendendo. E assim a gente vai realizando sonhos”.*



Seu Brás e dona Núbia na cisterna enxurrada e elaborando o diagnóstico para o Fomento